



ESTUDOS DE CASO DE OFICINAS TEMÁTICAS COM GRUPOS DE JOVENS INDÍGENAS VENEZUELANOS

*MISSÃO RORAIMA HUMANITÁRIA
SETOR ARTE-EDUCAÇÃO EM EMERGÊNCIA*



BOA VISTA (RORAIMA), BRAZIL

Conteúdo

1- INTRODUÇÃO.....	3
2- OFICINAS DE COMUNICAÇÃO	4
2.1- introdução e contexto.....	4
2.2- experiência da intervenção e as normas humanitárias	4
2.3- metodologia	6
2.4- história de impacto.....	7
2.5- resultados e indicadores	8
2.6- lições aprendidas e boas práticas	8
3- OFICINA DE ABSORVENTES ECOLÓGICOS	9
3.1- introdução e contexto.....	9
3.2- experiência da intervenção e as normas humanitárias	10
3.3- metodologia	10
3.4- desenvolvimento das atividades	10
3.5- história de impacto.....	11
3.6- resultados e indicadores	11
4- OFICINA DE MOSAICO	13
4.1- introdução.....	13
4.2- experiência da intervenção e as normas humanitárias	14
4.3- metodologia	14
4.4- desenvolvimento das atividades	15
4.5- história de impacto.....	15
4.6- resultados e indicadores	16
4.7- lições aprendidas e boas práticas.....	16

1.- introdução

Desde 2014, o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) registra um fluxo crescente de pessoas indígenas vindas da Venezuela para o Brasil – mais de 7.000 já chegaram ao país em busca de proteção internacional. Crianças, adolescentes e jovens representam quase metade desta população. Entre os grupos étnicos indígenas presentes no país estão os Warao (70%), os Pemón (24%), os Eñepá (3%), os Kariña (1%) e os Wayúu (1%), principalmente nos estados de Roraima, Amazonas e Pará – sendo que sua presença é verificada em várias partes do país. Aproximadamente 11% da população indígena venezuelana que vive no Brasil já foi reconhecida como refugiada pelo governo brasileiro. Outros 51% são solicitantes do reconhecimento da condição de refugiado e 33% possuem residência temporária¹.

Os desafios começam devido ao idioma diferente, passando pela alimentação, educação e outros aspectos que representam um desafio tanto para a população indígena migrante como para a população local que os recebe e acolhe.

Em 2016, a Fraternidade – Federação Humanitária Internacional (FFHI) começou a atender a população migrante, inicialmente se articulando com o governo local e posteriormente, de agosto de 2017 a dezembro de 2021, atuando como parceira implementadora do ACNUR.

Desde 2018, forma parte da Operação Acolhida, resposta humanitária do governo federal brasileiro à crise venezuelana, levada a cabo pelas Forças Armadas Brasileiras nos estados de Roraima e Amazonas.

A partir de 2019, dentro dos abrigos indígenas geridos pela Fraternidade – Humanitária (FFHI), observou-se nos jovens refugiados o aprofundamento da falta de motivação e perspectiva em relação ao futuro. Tendo em vista o alto grau de vulnerabilidade a que estão sujeitos os adolescentes, seja pelo aliciamento por gangues, tráfico, violência, exposição a vícios como o álcool e drogas ilícitas, gravidez precoce e outras problemáticas relacionadas à sexualidade, a condição desta população se tornava ainda mais alarmante.

Um dos fatores para mitigar este impacto entre as pessoas migrantes e refugiadas passou a ser o desenvolvimento de ações que fortaleçam suas destrezas, o trabalho em equipe, sua dignidade, adaptação na nova sociedade, recobrando a confiança e mostrando que é possível recomeçar suas vidas neste novo contexto.

Com o objetivo de estimular a inclusão e a capacitação dos jovens indígenas venezuelanos que chegam aos abrigos na região de Roraima, os Setores de Intervenção da Fraternidade – Humanitária (FFHI), junto ao Centro Cultural e de Formação Indígena (CCFI), organizaram em Boa Vista diversas capacitações que foram ofertadas a este público, como padaria, costura, sapataria, música, carpintaria, informática e marcenaria. Apresenta-se, em seguida, os Estudos de Caso de 3 iniciativas – Comunicação, Confecção de Absorventes Ecológicos e Mosaico – realizadas entre 2020 e 2022. Cada estudo está organizado em 5 sessões: contexto da iniciativa; a experiência da intervenção e sua relação com as normas humanitárias; história de impacto; indicadores e resultados; lições aprendidas e boas práticas.

Possa o compartilhamento dos desafios e lições aprendidas com estas iniciativas servir como impulso para a implementação de boas práticas que busquem visibilizar o potencial e resiliência de adolescentes e jovens que, em todo o mundo, vivem contextos de emergência e crises humanitárias.

¹ <https://www.acnur.org/portugues/indigenas/>

2.- oficinas de comunicação



Centro Cultural e de Formação Indígena (CCFI) – Boa Vista/RR Brasil

2.1- introdução e contexto

As oficinas de comunicação foram realizadas conjuntamente pelos Setores de Arte-Educação em Emergência e Comunicação. Foram desenvolvidas iniciativas de fotografia, audiovisual e teoria da comunicação, orientadas especificamente à população adolescente migrante e refugiada, como opção para reconstruir suas narrativas de vida e mostrar que é possível recomeçar de forma digna e saudável.

A partir de 2020, dentro desse contexto, foram realizadas 4 oficinas nesta área para jovens indígenas refugiados, sendo a primeira de fotografia, duas sobre produção audiovisual e a quarta sobre comunicação, para a criação de um Comitê de Comunicação no abrigo.

2.2- experiência da intervenção e as normas humanitárias

OFICINAS DE FOTOGRAFIA E AUDIOVISUAL PARA JOVENS REFUGIADOS

Oficina de fotografia: A arte de fotografar

Entre setembro e outubro de 2020, foi realizado, no Abrigo Pintolândia, um curso de fotografia com duração de um mês, ministrado por dois servidores humanitários voluntários. O curso culminou com a exposição “A arte de fotografar”, composta por fotos dos nove participantes do curso.

O curso teve 7 encontros de teoria e prática, e um oitavo para a exposição e seu encerramento. Ele fundamentou-se em um conhecimento bastante básico sobre fotografia. Por isso, o foco principal não foi tanto o âmbito técnico, mas sim a possibilidade de expressar ideias e realidades por meio da fotografia.

Com uma orientação básica, estes 9 jovens entre 16 e 17 anos foram desenvolvendo temas na produção de fotos, tanto dentro dos abrigos humanitários como em alguns parques da cidade. Estes temas foram: a natureza, certos costumes da etnia indígena Warao, sua vida nos abrigos, como um jovem vê as coisas a partir desta perspectiva, além de expressar alegria e ânimo em várias de suas fotografias.

O resultado foi muito positivo, pois os jovens mostraram muito interesse e a sua mudança de comportamento e qualidade de relacionamento dentro do abrigo foram notórios.

Para muitos dos participantes, este curso foi muito além do simples conhecimento de técnicas fotográficas; foi o desbloqueio de novos espaços no campo das emoções; foi a maneira de superar os limites impostos pela condição em que vivem.

[A Arte de Fotografar](#)

Oficinas audiovisuais: Nuestra Mirada (Nosso Olhar)

Entre junho e novembro de 2021, dando continuidade à oficina anterior e atendendo à demanda dos jovens para aprofundar nas técnicas de fotografia e audiovisual, foram realizadas 2 oficinas de produção audiovisual. Assim como na primeira oficina de fotografia, o objetivo era principalmente fazer com que os jovens pudessem se autoconhecer e, assim, expressar-se por meio da arte e da comunicação.

Estas duas oficinas se estruturaram com 1 ou 2 aulas semanais, por 40 dias, com um número de 4 a 8 jovens respectivamente. No total foram 8 aulas em cada oficina, culminando com a produção de um vídeo com material registrado por eles mesmos e com o título de “Nuestra Mirada”.

Foram ministradas aulas teóricas e práticas, com saídas a espaços abertos na cidade de Boa Vista, em Roraima.

[Nosso Olhar](#)

[Nuestra Mirada](#)

Oficina de comunicação: Voces Juveniles (Vozes Juvenis)

Por natureza, os seres humanos têm a necessidade de se comunicar. Por meio da comunicação nos relacionamos uns com os outros, trocamos ideias, sentimentos, fatos do passado, do presente e do futuro. Construimos identidades, produtos e expressamos ideias de uma forma tangível e material.

No final de 2021, no Centro Cultural e de Formação Indígena (CCFI), o Setor de Arte-Educação em Emergência organizou uma oficina de comunicação com a finalidade de que jovens indígenas refugiados pudessem desenvolver uma campanha que expressasse suas motivações e preferências, para mostrar ao público em geral as suas aspirações para esse novo futuro no Brasil, bem como com a intenção de fortalecer um grupo que poderia se tornar um Comitê de Comunicação no abrigo.

Entre os conteúdos, foram trabalhados elementos da teoria da comunicação – a mensagem, o comunicador, o receptor e os meios de comunicação –, planos de futuro e mensagens de paz, que conformaram a campanha produzida pelos jovens a nível de redação, fotografia, trilha sonora e edição. Este processo culminou na criação da identidade comum, traduzida na marca “Voces Juveniles”, que deu a coesão na continuidade de todo o processo conceitual e pedagógico vivido.

A intenção, por meio desta construção da campanha “Voces Juveniles”, foi que este grupo de jovens conseguisse desenvolver e expressar uma ideia comum a todos, organizando as etapas do pensamento, gerando um trabalho em equipe e demonstrando que ao se trabalhar de uma forma esquematizada e organizada é possível concretizar as ideias em um prazo determinado de tempo.

Foi assim que o Setor de Comunicação da Fraternidade – Humanitária (FFHI) apoiou esta iniciativa, oferecendo sua experiência para trabalhar aspectos educativos e de trabalho em equipe com estes jovens.

Durante toda a oficina de comunicação, foi possível observar o interesse dos jovens participantes e seu empenho em não faltar os dias de aula, apesar da necessidade constante de mobilização. Trabalhou-se com metas de curto prazo, ou seja, de uma aula para a outra, o que proporcionou que o interesse se mantivesse vivo e desperto.

Os facilitadores da oficina se empenharam para que todos tivessem participação nos momentos de aula, o que levou a equipe a estar bem atenta àqueles participantes que não eram tão ativos, para que não se sentissem desprezados e pudessem colaborar e participar das atividades grupais, reforçando suas capacidades. Desta forma, buscou-se ensinar que é possível chegar a um resultado grupal em harmonia e confiança.

Desafios vivenciados:

- Gerar sentido de pertencimento entre os participantes, ampliando a adesão e a participação;
- Garantir a participação constante, através da mobilização direta, barraca a barraca, em cada atividade;
- Identificar a necessidade e a possibilidade de expressão de cada adolescente e jovem, garantindo o equilíbrio em um espaço acolhedor que os desafiasse a superar os próprios limites e lacunas.

2.3- metodologia

A seleção dos participantes foi gerada por adesão espontânea, buscando incorporar novos membros dentro de um limite de possibilidade de acompanhamento do grupo ao longo das atividades. Os encontros, realizados com periodicidade semanal, garantiram ritmo e consistência ao trabalho desenvolvido. Os setores envolvidos disponibilizaram equipamentos como câmera, tripé, caixa de som, computador e projetor, além de cartolinas, canetas, lápis e papel para o desenho dos cronogramas e desenvolvimento das atividades propostas.

As atividades que compuseram as oficinas foram baseadas na metodologia da “Aula que Cura”, utilizada pela Pedagogia de Emergência²

² <http://pedagogiadeemergencia.org/>

2.4- história de impacto

Durante a primeira Oficina de Fotografia, foi notória a mudança de comportamento em cada participante. Era possível ver como se surpreendiam com eles mesmos, descobrindo o quem podiam fazer e o potencial que tinham para fotografar e aprender coisas novas.



Jovem moradora de abrigo para indígenas venezuelanos mostra sua foto selecionada para exposição.

Glennysmar, 16 anos, foi uma das participantes das primeiras Oficinas (Fotografia e Audiovisual). Começou timidamente, sem muita confiança em poder aprender a usar a câmera. Com o passar das semanas, sua evolução foi muito perceptível, pois ela mesma reconheceu que tinha total capacidade para fazer fotos com um olhar profundo.

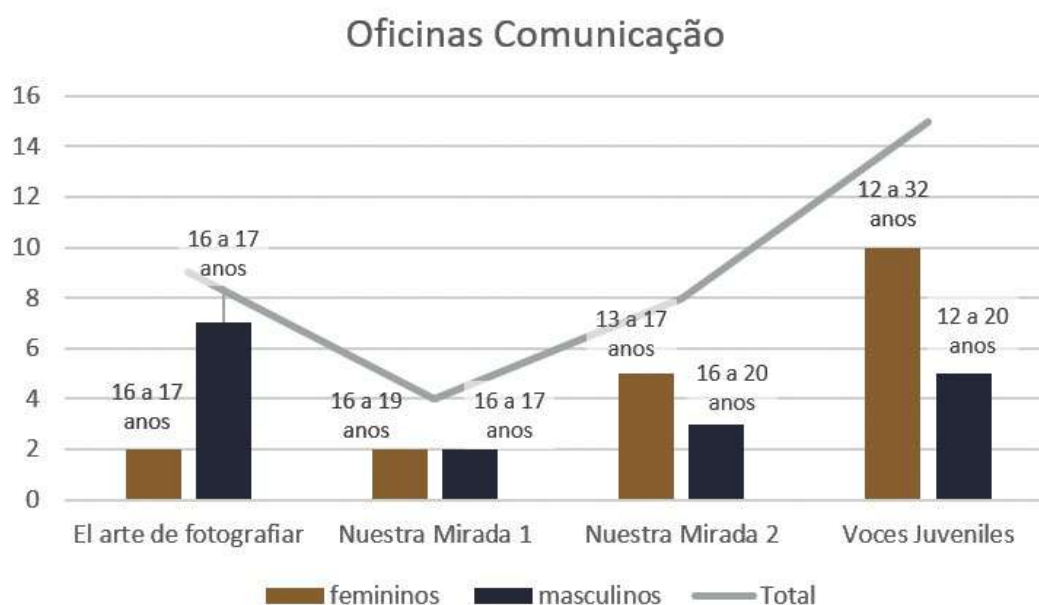
Ela relatou seu nervosismo e sua dificuldade no início da oficina de fotografia. No dia da exposição das fotos dos jovens, realizada dentro do abrigo, disse: “Nunca pensei que faria esse tipo de exposição, porque na verdade, lamentavelmente, pensava que não podia; mas graças a este curso, sim, pude!”

Além disso, durante a segunda oficina, realizada no CCFI com enfoque em produção audiovisual, aprendeu a realizar entrevistas e ser entrevistada, logrando também escrever uma mensagem que foi incluída no vídeo final da oficina, a qual fala em nome da juventude refugiada que precisa ser escutada

A alegria desta jovem em poder realizar estas oficinas foi uma grande motivação para outros também quererem aprender coisas novas baseadas em formas sadias de expressarem o que sentem. Ela foi um exemplo que demonstrou que é possível.

[história de impacto Nosso Olhar](#)

2.5- resultados e indicadores



2.6- lições aprendidas e boas práticas

A maior aprendizagem das iniciativas de comunicação foi ter conquistado o interesse dos jovens durante o transcurso das oficinas e obter deles também uma atitude participativa.

Os fatores-chave para conseguir o resultado mencionado foram:

1. Ter criado um ambiente de trabalho em equipe;
2. Entender os pontos fortes de cada um dos participantes;
3. Diminuir a distância entre o professor e o estudante;
4. Utilizar o mesmo idioma materno dos participantes;
5. Oferecer metas claras, simples, a curtíssimo prazo, tangíveis e alcançáveis, para chegar em um objetivo final, que neste caso foram os vídeos, a exposição de fotografias dentro do abrigo e o desenvolvimento da campanha “Voces Juveniles” criada na oficina de comunicação.

3.- oficina de absorventes ecológicos



Abrigo Nova Canaã – Boa Vista/RR Brasil

3.1- introdução e contexto

O Projeto Piloto Eboma Tida – Oficina de Confeção de Absorventes Ecológicos³ surgiu da necessidade de criar um vínculo com meninas e adolescentes indígenas venezuelanas refugiadas para trabalhar um tema de relevância: a menstruação.

Sabe-se que a puberdade e a adolescência são fases de grandes mudanças físicas, psicológicas, comportamentais e sociais. Além disso, para as meninas e adolescentes refugiadas, estas mudanças se somam com suas experiências traumáticas vividas e sua situação atual de refúgio, colocando-as em condições de extrema vulnerabilidade.

O projeto objetivou promover bem-estar físico, mental, emocional e social; dialogar sobre a menstruação, o autocuidado e a higiene; trazer a reflexão sobre a sustentabilidade ambiental e os absorventes ecológicos; conhecer o ciclo menstrual nas tradições indígenas e apresentar o tema desde o ponto de vista de outras culturas, bem como seus mitos e tabus; incentivar as participantes a serem facilitadoras de outras oficinas; oportunizar a experiência de confecção do absorvente com as próprias mãos.

O trabalho foi desenvolvido no período entre 08 de julho e 11 de agosto de 2021, com meninas e adolescentes indígenas venezuelanas refugiadas que residiam no Abrigo Nova Canaã, com idade entre 10 e 19 anos.

3.2- experiência da intervenção e as normas humanitárias

Administrar a higiene menstrual em um contexto de crise humanitária é um grande desafio para meninas e mulheres, pois a falta de privacidade e de materiais de higiene acaba por impedi-las o acesso à educação, ao trabalho e a participação em seu entorno. Ademais, são expostas a riscos de abusos em locais onde há falta de banheiros e com infraestruturas inadequadas.

A intervenção com as meninas e adolescentes se relaciona diretamente com a Norma 1.3 do Manual Esfera⁴: Atenção a higiene menstrual e incontinência - promoção da higiene. Também com o Manual dos requisitos Mínimos para a Educação⁵ (RME) da Rede INEE: Domínio 2 - acesso e ambiente de aprendizagem; Domínio 3 - Ensino e Aprendizagem; e com o Manual Sobre Gênero: Igualdade de Gênero na e através da educação⁶ – INEE (Gestão da Higiene Menstrual).

3.3- metodologia

O projeto passou por validações das coordenações do Setor de Arte-Educação em Emergência, da Direção da Missão Roraima Humanitária, das lideranças indígenas femininas, e também recebeu recomendações baseadas na Antropologia.

As lideranças se encarregaram de informar e convidar todas as meninas e adolescentes da faixa etária prevista, que também receberam um convite pessoal da facilitadora.

Foram realizadas, em média, 6 oficinas para cada grupo de participantes, com duas horas e meia de duração. Os encontros foram divididos em duas partes: a primeira, teórica, seguida de um intervalo para lanche, e a segunda foi a prática, com a confecção dos absorventes. A metodologia de ensino foi baseada na “Aula que Cura”, da Pedagogia de Emergência⁷.

Ao final dos ciclos de oficinas, as participantes tiveram a oportunidade de avaliar as atividades desenvolvidas durante o projeto. Também apresentaram seus trabalhos para a comunidade e receberam um certificado de conclusão.

3.4- desenvolvimento das atividades

As atividades foram desenvolvidas com temas diários e foram baseadas na metodologia da Pedagogia de Emergência. Os temas foram:

- 1- Os absorventes reutilizáveis e o meio ambiente – apresentação de vídeo e diálogo;
- 2- O que é menstruação? – conversas e depoimentos;

4 https://www.irdin.org.br/pdf/O_Manual_Esfera_WEB.pdf

5 https://inee.org/sites/default/files/resources/INEE_Minimum_Standards_Handbook_2010%28HSP%29_EN.pdf

6 https://inee.org/sites/default/files/resources/INEE_Gender_GN_POR.pdf

7 <http://pedagogiadeemergencia.org/>

- 3- Conhecendo meu corpo, aparelho reprodutor feminino, ciclo menstrual e gestação – com a utilização da boneca pedagógica “Aitiara” e da “História da Menina que Virou Moça”;
- 4- A menstruação na minha e nas outras culturas, seus mitos e tabus – conversa com convidada indígena anciã, vídeos e depoimentos de jovens e mulheres de diferentes culturas;
- 5- Higiene menstrual e o autocuidado – parte prática onde foram convidadas a investigar e visitar banheiros e lavanderia, e a refletir sobre a higiene menstrual adequada para elas.

Todos os temas foram seguidos pelo momento do fazer: a confecção dos absorventes.

Desafios vivenciados:

- Uma parte das meninas e adolescentes do abrigo tiveram dificuldades em frequentar as oficinas.
- Não se logrou estimular as participantes para atuarem como facilitadoras, devido a conflitos entre grupos de adolescentes.
- O material das oficinas não chegou no tempo previsto, o que causou um atraso considerável no desenvolvimento do projeto.
- Devido ao tempo, não foi aplicada a avaliação sobre as oficinas com o grupo 3.
- Algumas oficinas tiveram que ser realizadas em outros turnos e dias, o que desestabilizou o ritmo de horários de 2 grupos.
- Apenas 2 encontros para abordar o ciclo menstrual não foram suficientes.
- A facilitadora teve dificuldades em conciliar o seu tempo entre o projeto e outras atividades concomitantes do Setor de Arte-Educação em Emergência, o que dificultou a busca ativa das que desistiram, não foram convidadas ou não quiseram participar.
- Não foi possível, porém seria ideal a capacitação das educadoras não formais da comunidade.

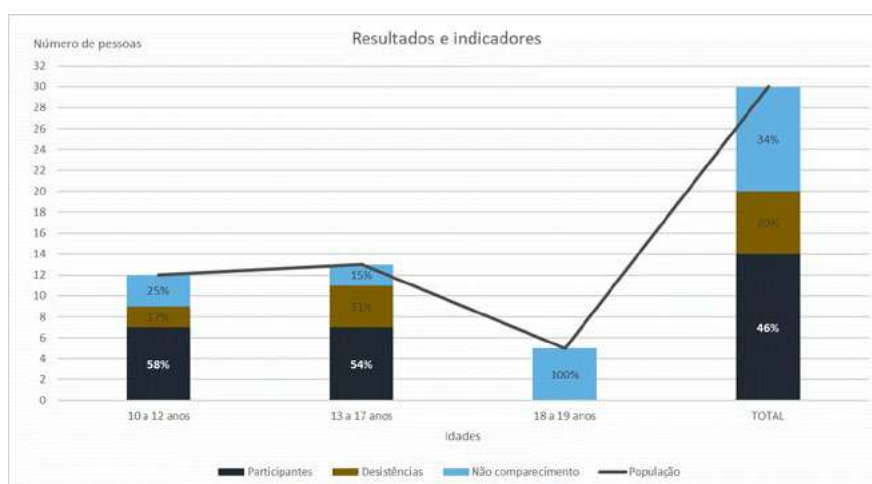
3.5- história de impacto

As meninas do grupo 1, com idades entre 10 e 12 anos, demonstraram tanto interesse em participar que chegavam uma hora antes do horário do início, de banho tomado e com sua melhor roupa, com muita vontade de fazer os absorventes ecológicos, e queriam seguir confeccionando mais e mais absorventes.

3.6- resultados e indicadores

Houve adesão e interesse das meninas e adolescentes e 58% do total de meninas do abrigo entre 10 e 12 anos participaram das oficinas, seguidas de 54% do total das adolescentes entre 13 e 17 anos. Cinco jovens entre 18 e 19 anos não foram indicadas pelas lideranças e, por consequência, não participaram das oficinas. Porém, não foi possível averiguar o motivo e nem ministrar outro ciclo de oficinas para atingir esse público, por questão de tempo.

Os possíveis motivos de desistência e não comparecimento podem ter sido a maternidade precoce, o idioma (uma menina de 12 anos, por exemplo, além de ser mãe, se comunicava em idioma Warao e apresentava dificuldade em se comunicar em espanhol), o desinteresse, as questões de gênero, o conflito entre os grupos de adolescentes, o analfabetismo (ainda que para a oficina não se necessitava saber ler ou escrever), a saída ou mudança de abrigo, entre outros motivos não observados.



Resultados observados:

- A maioria sabia explicar a menstruação como “saída de sangue”, porém não conheciam o útero e nem a relação da menstruação com a gestação.
- O estabelecimento de vínculos proporcionou a oportunidade de conhecer os grupos de maneira mais profunda e estabeleceu confiança para que as jovens pudessem compartilhar suas experiências. Notou-se mudanças de comportamentos positivas: duas participantes do grupo 2 estavam desconfiadas em relação as oficinas e agitadas pelo conflito entre as adolescentes, mas ao final colocaram em suas avaliações pessoais que gostaram muito das oficinas.
- Além de apresentarem um semblante de tranquilidade no decorrer das atividades, as participantes trabalharam em equipe, exercitaram a participação ativa na busca de soluções e aprenderam a fazer os absorventes.

Quanto às avaliações das participantes:

- Por unanimidade, confeccionar os absorventes foi o que mais gostaram.
- A boneca pedagógica e a “História da Menina que Virou Moça” também foram referidos pela maioria.
- Uma menina referiu que não gostou de não ter recebido o certificado no último dia do encontro.
- As participantes sugeriram que gostariam de fazer mais absorventes.

Segue o depoimento de uma participante:

“Eu gostei de estar no curso porque aprendi a costurar, a cortar. Foi muito importante para mim, porque pelo menos aprendi a fazer absorvente e muitas coisas a mais aprendemos também com a Irmã no curso de absorvente.” Açucena, 13 anos.

A partir deste projeto, foi realizada uma oficina com duas mulheres indígenas no Centro Cultural e de Formação Indígena (CCFI). Isto resultou em um outro projeto de meios de vida e empreendedorismo para confecção e comercialização de absorventes ecológicos, que recebeu a marca de “Tida Warao”⁸. O projeto segue ativo, sendo supervisionado por outras servidoras humanitárias que deram continuidade à iniciativa.

[8 https://www.missoeshumanitarias.org/tida-warao-mulher-warao/](https://www.missoeshumanitarias.org/tida-warao-mulher-warao/)

4.- oficina de mosaico



Abrijo Jardim Floresta e Centro Cultural e de Formação Indígena – Boa Vista/RR Brasil

4.1- introdução

O trabalho realizado com mosaico⁹ na Missão Roraima Humanitária, junto aos jovens indígenas venezuelanos em condição de refúgio no Brasil, evidenciou seu contexto de vulnerabilidade, sobretudo por estarem vivendo uma situação de crise humanitária e deslocamento massivo. Portanto, dar atenção e suporte a esses grupos é essencial para uma resposta efetiva, inclusiva e que promova a proteção dos mesmos.

A iniciativa foi desenvolvida considerando a necessidade de envolver os jovens em atividades que, além de auxiliar a inserção no Brasil, também lhes desse o apoio necessário no âmbito prático, alcançando inclusive a reorganização de níveis psicoemocionais – suporte essencial nessa fase da vida, de importantes transformações.

Cada nova capacitação ofertada possibilitou fortalecer e estimular a autonomia dos adolescentes e jovens.

Visto que esta população indígena utiliza o artesanato como forma marcante de expressão, cultura e fonte de renda, surgiu a proposta de introduzir o conhecimento sobre mosaico através do Setor Arte-Educação em Emergência.

9 Arte decorativa milenar que reúne pequenas peças de diversas cores para formar uma grande figura ou representação.

[9 https://www.todamateria.com.br/o-que-e-mosaico/](https://www.todamateria.com.br/o-que-e-mosaico/)

O Setor visava estimular valores e princípios essenciais no ser humano, ressignificar traumas, construir e fortalecer a resiliência e, ao mesmo tempo, auxiliar o público-alvo a ampliar as oportunidades de inserção no mercado de trabalho.

Neste contexto, as atividades com mosaico foram introduzidas entre 16 de novembro e 11 de dezembro de 2021, com a participação de adolescentes e jovens entre 12 e 21 anos, do Abrigo Jardim Floresta.

4.2- experiência da intervenção e as normas humanitárias

De acordo com o Manual de Normas Mínimas para Proteção da Infância na Ação Humanitária (na sigla em inglês, CPMS)¹⁰, a iniciativa do mosaico junto aos jovens está relacionada com a Norma 15: Atividades grupais para o bem estar da criança que, entre outros temas, contempla a educação não formal e as atividades artísticas; e com a Norma 23: Educação e Proteção da Criança, com a promoção da resiliência, suporte psicossocial, cognitivo e desenvolvimento físico e a promoção de habilidades de vida essenciais que apoiem a capacidade e a confiança das crianças.

Os encontros eram realizados sempre de forma participativa. Todos eram convidados a opinarem, sugerirem, escolherem. Este ambiente de ensino não formal se relaciona com o Manual de Requisitos Mínimos para a Educação (RME) da rede INEE¹¹ – Domínio 2: Acesso e ambiente de aprendizagem; e Domínio 3: Ensino e Aprendizagem.

4.3- metodologia

Após a validação e aprovação da proposta pela coordenação do Setor de Arte-Educação em Emergência, foi feito levantamento, orçamento e compra dos materiais necessários.

O setor já havia identificado o possível público-alvo: jovens com idade de 12 a 21 anos, que viviam no Abrigo Jardim Floresta, das etnias Warao e Eñepá. As atividades foram baseadas na metodologia da “Aula que Cura”, da Pedagogia de Emergência¹².

No primeiro encontro, foi feita a introdução ao trabalho com mosaico, apresentação das ferramentas e breve explanação de como utilizá-las, reflexão junto aos participantes sobre o simbolismo de unir peças quebradas e o porquê de o primeiro trabalho ser em formato de coração e espelhos. Ressalta-se que, iniciar a oficina usando a forma do coração é um convite simbólico para que cada um se abra à experiência.

Muitos aspectos internos, tanto negativos como positivos – impaciência, insegurança, concentração e harmonia – ficam evidentes, para serem aprofundados, quando o indivíduo se expressa por meio da arte.

O trabalho com mosaico está relacionado a valores como aceitação, inclusão, unidade, fortalecimento do grupo, além da possibilidade de utilizá-lo como forma artística de gerar renda, como uma iniciativa de meios de vida.

¹⁰ https://alliancecpha.org/en/CPMS_home (tradução nossa).

¹¹ <https://inee.org/pt/resources/inee-minimum-standards>

¹² <http://pedagogiadeemergencia.org/sobre-a-pedagogia.html>

4.4- desenvolvimento das atividades

O trabalho de reconstrução simbólica, que a união das peças aparentemente quebradas fazia ao formar uma bela figura, expressava também uma reconstrução interna de fragmentos da história de vida que cada um deles trazia. Isso acabou sendo o ponto forte do projeto. Desde o primeiro encontro, notou-se que a concentração, a harmonia presente na maioria das peças e o interesse dos jovens enquanto faziam mosaico, era o objetivo a ser alcançado.

Foram realizados seis encontros com o grupo. Para a preparação de materiais para a Feira Cultural de Natal, realizada no dia 11 de dezembro de 2021, foi necessário concentrar os esforços, com encontros extras, para apoiar dois jovens que iriam participar, expondo e vendendo peças feitas em mosaico.

Desafios vivenciados:

- Antes de todos os encontros era preciso entrar no abrigo e chamá-los em cada barraca. Os jovens expressavam que a não pontualidade ou esquecimento não eram por falta de interesse, mas sim porque a forma de se relacionar com o tempo é diferenciada, o que está relacionado às diferentes culturas, tradições e etnias. Portanto, a continuidade das atividades dependia do focalizador da tarefa.
- Algumas jovens participantes cumpriam tarefas domésticas, como cuidar de irmãos mais novos, e, por isso, algumas vezes não podiam comparecer.
- O espaço principal dos encontros era aberto – quando não haviam salas fechadas disponíveis – e isso dificultava a comunicação pelos ruídos e pelo uso da máscara protetora facial, estimulando, de certa forma, a dispersão.
- Dar devida atenção a todos, pois o grupo era grande para apenas uma instrutora que, muitas vezes, realizava os encontros sem a presença de um auxiliar que ajudasse na organização e nas demandas dos participantes.
- Poucas ferramentas disponíveis para que todos pudessem utilizar no corte e elaboração das peças.
- Na cidade de Boa Vista e arredores não existe disponibilidade de materiais para mosaico, o que torna mais difícil dar continuidade as atividades; grande parte do material utilizado veio do Rio de Janeiro.

4.5- história de impacto

A esperança que a atividade com mosaico despertou em um dos jovens participantes se destacou, neste movimento de sair da ociosidade e se motivar por algo novo.

Seu compromisso e determinação em realizar as peças para a exposição na feira, o cuidado e concentração que dedicava a cada objeto era admirável. Ele levava sempre sua esposa para acompanhá-lo nos encontros e queria incluir outro companheiro, demonstrando o desejo de compartilhar com entes queridos algo que lhe fazia bem.

[Vídeo Oficina de Mosaicos - Oficina de Mosaicos](#)

4.6- resultados e indicadores

O grupo iniciou com 13 participantes e, dentre eles, 10 mantiveram-se até a conclusão da atividade. Dos 10 participantes, dois conseguiram evoluir na técnica do mosaico para elaborar, expor e vender suas peças na Feira de Artesanato do CCFI.

Ao término da atividade com mosaico, no último encontro, os objetos feitos por cada um dos participantes lhes foram entregues, e alguns foram fixados nas paredes do CCFI. As próprias expressões artísticas são muito valorizadas por eles, que ficaram entusiasmados em expô-las, como forma de deixar registrado, neste espaço, esse curto, porém importante, percurso trilhado em conjunto.

Foram disponibilizados materiais para que os dois jovens que já podiam dar continuidade à atividade pudessem ter acesso e prosseguir, porém, sem alguém lado a lado para estimular e incentivar, acabaram desistindo.

4.7- lições aprendidas e boas práticas

Ao longo do trabalho ficou perceptível que é muito importante separar as turmas por objetivo, ou seja, aqueles que possuem uma faixa etária adequada para levar adiante o mosaico como meios de vida e o grupo que realizará o mosaico como arteterapia.

Os grupos precisam ser menores para dar mais atenção a cada participante e aprofundar na técnica e utilização das ferramentas.

De forma geral, é sempre um grande aprendizado cada oportunidade de interagir com jovens, de ajudá-los a reconhecer suas capacidades, empoderá-los na construção da nova vida que desponta, cada um com suas particularidades e potenciais latentes.



Figura 1: Último encontro – Recebimento dos certificados

<https://youtu.be/pyluSeCm61s>